

Apresentação

1

Neste número, nove artigos pensam a poesia contemporânea a partir da chamada “Poesia, a caminho do aberto”. Desde sua forma e sua fruição, passando por sua relação com a crítica e a crise, e também revisitando poetas modernos – Mário de Andrade e Murilo Mendes –, o poema lançado para um outro, para um “tu”, pensado como uma “coisa sonora”, um laboratório da língua, uma língua por vir, sobrevive como um exercício do possível, um gesto a caminho de algo que excede o sentido, que força as margens e potencializa a vida. A tradição e sua crise constituem o horizonte dessa prática que resiste à lógica da produção e do mercado.

No dossier sobre “os raros o os fantásticos”, organizado pelo professor Hebert Benítez Pezzolano, da Universidad de la República, três textos especialmente escritos para a revista apresentam três escritores uruguaios que, em comum, têm uma posição crítica em relação aos códigos e às ideologias da representação: L.S. Garini, Mario Levrero e Juan Introini. Tirando de Ángel Rama, que por sua vez buscou em Rubén Darío, a ideia de “escritores raros”, os ensaístas procuram encontrar um lugar para aqueles que se desviavam da norma hegemônica e que, vistos a partir do presente, constituem um caminho oblíquo na tradição uruguaia.

Na seção “Olhares”, Jimena Néspolo, da Universidad de Buenos Aires, lê a obra de Juan José Saer a partir da particularidade de “El entenado”, enquanto André Fiorussi, da UFSC, trabalha com dois poemas de Gonçalves Dias intitulados, ambos, “A tempestade” para mostrar

como eles representam uma “realização do *ut pictura poesis* e uma tentativa em direção ao desejado *ut musica poesis*”.

Byron Vélez Escallón faz a resenha do livro *Más allá del pueblo. Imágenes, indicios y políticas del cine*, de Gonzalo Aguilar, sobre o novo cinema argentino, e Esteban Prado, da Universidad de Mar del Plata, analisa *Escritura no-criativa. Gestionando el lenguaje en la era digital*, de Kenneth Goldsmith.